

**H**oje Campinas comemora 209 anos. Mas, para se chegar a um dia oficial para o aniversário da cidade, foi preciso baixar uma lei, de nº 3.984, que apenas em 1971, estabeleceu o 14 de julho como a verdadeira data de nascimento do município.

As dúvidas ainda existem, não apenas com relação à data mas também com relação ao local onde teria nascido Campinas.

O equívoco que distorceu a verdade histórica sobre o local da origem de Campinas nasceu do fato de se atribuírem a bandeirantes a fundação da cidade, simplesmente por terem aqueles sertanistas estabelecido um pouso para pernoite dos itinerantes. Os bandeirantes, defendem alguns historiadores, se tiveram alguma participação, esta foi indireta.

As levadas de migrantes oriundos do Vale do Paraíba, que aqui se fixaram, eram compostos de agricultores, que vieram atraídos pela fertilidade do solo da região, coberta por densa e opulenta mata.

A causa determinante do povoamento da região campineira a partir da segunda metade do século 18 foi, na realidade, decorrência da decadência da mineração. Isso não quer dizer, entretanto, que a busca do ouro não preocupasse mais os paulistas. Essa preocupação existia, então, mas muitos paulistas já procuravam fixar-se em terras para dedicarem-se à lavoura, pois a agricultura começara a atrair os habitantes do planalto.

Em 1721, ao tomar posse no Governo da Capitania, Rodrigo César de Menezes fez Bartolomeu Bueno da Silva, o segundo Anhanguera, partir para Goiás com a missão de descobrir jazidas no Planalto Central, pois o governador fora incumbido pela Coroa Portuguesa de incrementar tal atividade. Foi então aberta a estrada conhecida como "O Caminho dos Goiazes".

Esse "picadão" passava por Campinas e seguia mais ou menos a mesma direção da antiga estrada de ferro da ex-Mogiana. Foi a partir da abertura da estrada que a região passou a ser palmilhada pelos bandeirantes, que, em

virtude da densa mata e de três clareiras aqui existentes, a denominaram "Campinas de Mato Grosso".

Sesmarias foram concedidas a alguns paulistas e a primeira concessão data de 17 de maio de 1728 e sua confirmação de 15 de novembro de 1732. Com a decadência da mineração iniciou-se a ocupação humana do solo campineiro por homens que tinham suas vistas voltadas para a agricultura.

Por outro lado, a documentação existente prova que a cidade começou no local onde hoje se acha o monumento de Carlos Gomes, e não no "pouso" que os bandeirantes estabeleceram na chamada "Campinas Velha", segundo alguns, ou "Campinas Velhas", segundo outros.

Os documentos mostram ainda que a cidade originou-se, como inúmeras outras cidades brasileiras, da capela erigida no patrimônio, que passou desde a Primeira Missa aqui celebrada a 14 de Julho de 1774, a denominar-se Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, substituindo o nome dado em maio de 1774, que era "Povoação das Campinas do Mato Grosso" no distrito da Vila de Jundiá quando foi nomeado para fundador, administrador e diretor, Francisco Barreto Leme.

Em 14 de dezembro de 1797, a freguesia de Campinas é elevada à vila com o nome de São Carlos. E, finalmente, em 5 de fevereiro de 1842, foi elevada à categoria de cidade (Lei nº 5 de fevereiro do mesmo ano) dando-lhe o nome de Campinas (decreto sancionado pelo Barão de Monte Alegre, presidente da Província).

---

## As celebridades que ajudaram a construir Campinas

---

Acompanhar o século 19 em Campinas é penetrar num mundo de celebridades, bárões riquíssimos, artistas geniais, destaques políticos e visitas importantes. Campinas nunca esquecerá de Antonio Carlos Gomes, aqui nascido em 11 de julho de 1836, nem de Hércules Florence que, a 15 de agosto de 1832, obtém em Cam-

*As histórias de uma  
cidade que sempre  
procurou seu futuro*



*FotoV8*  
COMPINAS

*Carlos Gomes é o maior símbolo da história cultural de Campinas*

AS HISTÓRIAS de uma cidade que sempre procurou seu futuro. Popular, Campinas, 14 jul. 1983.

pinas a primeira fotografia por processo de sua invenção e emprega, pela primeira vez a palavra "fotografia".

Não esquecerá também que a sua história está marcada pela presença do Imperador D. Pedro II, em 1846, e seu retorno em 1875, acompanhado pela Imperatriz Tereza Cristina Maria, para a inauguração da Companhia Mojiana de Estradas de Ferro, entre Campinas e Mogi Mirim.

Deste século datam os primeiros lampiões, o moderno transporte dos bondes puxados por burros, um comércio efervescente...

Numa carta a um amigo, Campos Sales, (aqui nascido em 1841 e presidente da República no quadriênio 1898/1902) chama Campinas de "a terra amada onde nasceu a República". E Campinas foi mesmo o maior reduto republicano de S. Paulo, sede do Clube Republicano (cujo emblema original se encontra no Centro de Ciências, Letras e Artes), instalado no dia 14 de julho de 1886.

Uma historiadora da cidade, Mara Amélia de Rezende Martins conta que na ocasião em que foram proibidos os "vivas à República", os jovens republicanos saíram às ruas com bandas de músicas gritando com entusiasmo: "Viva a coisa proibida".

**Ruas**

E estes republicanos certamente passaram por ruas cujos nomes se fossem hoje pronunciados não localizariam ninguém. Isso porque, no século passado, ao invés de nomes de pessoas, as ruas lembravam alguma característica, desde fatos que aconteceram no local até sua localização geográfica.

Assim, as ruas Luzitana, Dr. Quirino e Barão de Jaguara eram as ruas de Baixo, do Meio e de Cima, enquanto a Irmã Serafina tinha o nome de rua da Bica Grande. A Benjamim Constant era o Beco do Caracol, enquanto a avenida Francisco Glicério era a rua do Rosário.

Havia a rua de São Carlos, rua Formosa, rua da Matriz Velha e rua do Picador que com o tempo viriam a chamar-se Dr. Moraes Sales, Conceição, General Osório, Bernardino de Campos, Barreto Leme e Marechal Deodoro, esta última depois de intitular-se Rua do Imperador, em homenagem a D. Pedro II.

Do século passado também é a fundação do colégio "Culto à Ciência" (1896), a Escola Normal, hoje EEPSG Carlos Gomes, o Instituto Agrônomico (inicialmente denominado "Estação Agrônômica de Campinas"), iniciativa pioneira no gênero etc.

**No começo deste Século, a luta pela igualdade**

Saia azul marinho, comprida, de sarja de lã, toda pregueada; blusa branca de mangas compridas, sapatos cole-giais, de cadarço. Esta a descrição do uniforme das primeiras 72 moças campineiras que, em 1903, tiveram a permissão para estudar.

Elas faziam parte, com mais 28 rapazes, da primeira turma de estudantes da Escola (hoje EEPSG Carlos Gomes) que localizava-se na rua 13 de Maio em um velho casarão exatamente onde hoje fica o Hotel Terminus.

Até então, "o ensino era para os varões, já que para as mulheres não ficava bem o exercício das letras". Os misteres manuais eram os únicos tidos como próprios para elas".

Puro preconceito que caiu por terra tão logo foi dada à mulher uma oportunidade para se projetar no mundo das letras e assim que se permitiu um espaço para que ela manifestasse sua opinião sobre o mundo que nos rodeia, a mulher campineira soube dar total apoio aos combatentes da Revolução de 32, como mostra o artigo "Aos Campineiros".

No dia 19 de julho de 1932, em primeira página do Correio Popular, a mensagem "Aos Campineiros" vinha assinada por Nina Kaysel:

"Campineiros. 'Avante'. O Brasil espera, que em S. Paulo, cada um cumpra o seu dever'. É uma campineira que vos falla, ou antes, é um coração cheio de entusiasmo que vos conforta, encoraja e anima, em nome da mulher campineira. Ide, confiante na Victoria - ella sera vossa. Aqui, lemrae-vos sempre, a mulher campineira - eu vos prometto: pedirá por vós, sem cessar, à N. Senhora das Lágrimas, cuja valiosa intercessão nunca se fez esperar. E, que poderá Jesus recusar que lhe peçamos pelas lágrimas de sua Mãe? Que temeis, pois?!..."